

Histórias do Romantismo

Joaquim Manuel de Macedo

Álvares de Azevedo

Bernardo Guimarães

Franklin Távora

Machado de Assis



Seleção e comentários

Ivan Marques

Ilustrações

Yili Rojas

Coleção
O Prazer da
Prosa



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editora
Maria Viana

Editor assistente
Adilson Miguel

Revisoras
Amanda Valentin
Michele Tessaroto
Sandra Regina de Souza
Nair Hitomi Kayo
Tânia Oda

Editora de arte
Marisa Iniesta Martin

Projeto gráfico de capa e miolo
Homem de Melo & Troia Design

Iconografia
Lia Mara Milanelli



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP
CEP 05425-902

Atendimento ao cliente:
(0xx11) 4003-3061

www.atiscipione.com.br
atendimento@atiscipione.com.br

2017

ISBN 978-85-262-7674-1 – AL

Cód. do livro CL: 737130

CAE: 248487

2ª EDIÇÃO

6ª impressão

Impressão e acabamento

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

Atualização ortográfica
e edição dos textos
Adilson Miguel

Agradecemos à Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), pela colaboração na pesquisa e na digitalização dos textos que serviram de fontes para esta edição.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Histórias do romantismo / Joaquim Manuel de Macedo...[et al.]; seleção e comentários Ivan Marques; ilustrações Yili Rojas; atualização ortográfica e edição de textos Adilson Miguel. — São Paulo: Scipione, 2006. (Coleção O prazer da prosa)

Outros autores: Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora, Machado de Assis.

1. Contos brasileiros 2. Romantismo I. Macedo, Joaquim Manuel de. II. Azevedo, Álvares de. III. Guimarães, Bernardo. IV. Távora, Franklin. V. Assis, Machado de. VI. Marques, Ivan. VII. Rojas, Yili. VIII. Miguel, Adilson. IX. Série.

06-5993

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira 869.93

sobre esta edição

Tivemos, nesta edição, o cuidado de apresentar versões dos textos selecionados que preservassem a maior fidelidade possível à intenção dos autores. Procuramos tomar como base fontes confiáveis (ver p. 142), limitando-nos apenas a atualizar a ortografia e a corrigir os erros evidentes. Foram mantidas a pontuação e a sintaxe originais, mesmo quando divergentes dos padrões atuais.

O caso de Álvares de Azevedo é especial. Como morreu muito jovem, o poeta teve sua obra publicada postumamente, sem nenhum critério editorial. As sucessivas edições acumularam muitos erros e interferências indevidas. Daí a dificuldade que envolve a publicação de qualquer texto desse autor. Nossa fonte principal foi a respeitada edição de 1942 de suas obras completas, organizada por Homero Pires.

O conto “Folha rota”, de Machado de Assis, não foi publicado em livro pelo escritor. Por isso, baseamo-nos em edições recentes fidedignas.





Sumário

Introdução

8

11

A bolsa de seda

Joaquim Manuel de Macedo

A vida em falsete

36

39

Gennaro

Álvares de Azevedo

O amor, a noite,
a morte

50

53

A dança dos ossos

Bernardo Guimarães

Um contador
de "causos"

78

81

Um casamento
no arrabalde

Franklin Távora

Entre a memória
e a fantasia

126

129

Folha rota

Machado de Assis

E o véu se despedaça

140

Referências
Bibliográficas

142

Introdução

Romantismo é quase sinônimo de ilusão, de imaginação excessiva, de fuga à realidade. No período romântico, afirmou-se não apenas o anseio poético do infinito, em luta contra as convenções da era clássica, mas também um novo gênero literário — o romance —, devorado por um público cada vez maior de leitores. O homem moderno, produzido pelas revoluções burguesas e embalado por uma extraordinária onda de sentimentalismo, naquele momento incorporou de vez o hábito de ler histórias.

Publicada em folhetins na imprensa, essa nova literatura foi vista a princípio com desdém, como se representasse apenas um passatempo para mulheres. A palavra *romântico* possuía um sentido pejorativo, por designar um “alimento de fácil digestão”, ou seja, um gênero ficcional cheio de efeitos melodramáticos e aventuras disparatadas, em que cabia de tudo — do conto fantástico à reconstituição histórica, do romance passionai à descrição de costumes.

Além de sonhar com o infinito, o Romantismo teve grande sensibilidade para a história e um caráter de afirmação cultural. No Brasil, o movimento surgiu logo após a Independência, adotando o nacionalismo como bandeira estética e política. Tanto a literatura indianista quanto o romance urbano e regional procuravam interpretar o meio, traduzir a “cor local”, exprimir a vida brasileira em seus diferentes aspectos. Os escritores estavam imbuídos da missão de fundar a literatura nacional, o que significava construir o próprio país.

Neste volume de narrativas do Romantismo brasileiro, é possível identificar diversos caminhos da nossa prosa no século XIX. Os autores preferiam chamá-las de romances, novelas ou histórias. O fato de não usarem a palavra *conto* revela que, para eles, ainda não importava tal classificação. Muitas vezes, as histórias não passavam de embriões de obras maiores, e o tamanho curto não implicava necessariamente uma intenção estética.

Formas indecisas entre o conto e o “causo”, entre a fábula e o folhetim, estas histórias — escritas por Joaquim Manuel de Macedo, Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, Franklin Távora e Machado de Assis — são ainda pouco conhecidas. Algumas constituem pequenas obras-primas, e todas mostram o progressivo domínio do gênero narrativo por parte dos escritores brasileiros.

Leves, saborosas e intrigantes, as narrativas prendem com facilidade o leitor. E o mais importante: ajudam a contar a história da invenção e da evolução da literatura ficcional no país.

Ivan Marques



Iconographia

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO nasceu na cidade fluminense de Itaboraí, em 1820. Formou-se em Medicina, mas acabou dedicando-se ao magistério. Lecionou no Colégio Pedro II e foi preceptor dos netos do Imperador. Elegeu-se deputado várias vezes. Nos últimos anos de vida, sofreu uma doença mental. Morreu no Rio de Janeiro, em 1882, deixando uma extensa obra literária, composta por dezoito romances, além de poemas, contos e peças teatrais. Antes do sucesso de José de Alencar, era considerado o principal romancista e uma das maiores figuras da literatura nacional.

Principais obras: A Moreninha (1844); O moço loiro (1845); Os dois amores (1848); A luneta mágica (1869).

A bolsa
de seda

*Joaquim Manuel
de Macedo*





I

Era o dia 20 de outubro de 1855 — um sábado, e por consequência a véspera de um domingo.

Creio que sabeis que é nos domingos que aparece a *Semana*, o meu folhetim hebdomadário do *Jornal do Commercio*.

Faltava-me matéria para a *Semana*: sentia-me incapaz de satisfazer os leitores do *Jornal do Commercio* no dia seguinte: estava triste, aborrecido de mim mesmo.

Reconheci que não dava conta da mão: roguei pragas ao público, atirei com as penas para baixo da mesa, tomei o chapéu, e saí.

Fui passear.

Não sei bem onde me achava; importa pouco para esta minha *cena* a questão do teatro; pode representar-se em qualquer rua, em qualquer praça ou em qualquer hotel: é uma *cena* que serve em qualquer teatro, como há em certos teatros decorações que servem para todos os dramas.

Ia eu indo e não via nada; tinha a *Semana* pensando-me sobre o coração.

Senti de repente que me batiam no ombro.

— *Quid cogitas?** disseram-me.

Tinha encontrado um homem que sabia latim, o que não é muito comum no Rio de Janeiro; voltei-me para ele; era o meu amigo Constâncio, mocetão de vinte e cinco anos, bonito, rico, solteiro, que fuma charutos de Havana, tem bigodes e pera, e tudo, tudo e tudo, menos talvez juízo, o que é muito comum no Rio de Janeiro.

— *Quid cogitas?*... repetiu-me ele.

— Penso na *Semana*, que já devia estar feita, e que ainda não comecei.

— Pois então alegre-te! dou-te mais que uma *Semana*.

— Como?...

— Dou-te um romance.

— Bravo! o herói?...

— Sou eu: está entendido.

— A heroína?...

— Uma moça bonita. Queres?...

— O quê?... a moça ou o romance?...

— O romance, está visto.

— Aceito: conta lá isso; mas, antes de tudo, devemos-lhe um título: qual deve ser?...

— A *bolsa de seda*.

— Bem escolhido; começa pois.

Constâncio deu-me um abraço, e principiou:

— Conheces minha mãe e minha irmã?...

— Que tem isso com o teu romance?...

— Conheces minha mãe e minha irmã?...

— Não.

— Pois é pena; minha mãe é uma senhora muito religiosa e cheia de virtudes; e minha irmã uma moça bonita, engraçada, compassiva e boa até não poder mais. Ora, sendo elas assim, ando desgostoso, desesperado, furioso por ver que em um tempo

.....
* Em latim no original: "Em que pensas?" (N.E.).